

Em Jacarepaguá, saúde tem solução comunitária

ANA VIRGINIA ROMERO

Uma política de saúde pública não pode ser eficiente se for baseada apenas em práticas tradicionais, pré-estabelecidas: ao contrário, tem de levar em conta as peculiaridades do lugar onde é feito o atendimento, assim como as características de cada indivíduo. A tese é defendida por um grupo de profissionais que, com o apoio da associação de moradores e de lideranças religiosas, construiu há um ano o Centro de Atenção Primária à Saúde Stella de Souza Marques, na favela de Rio das Pedras, em Jacarepaguá — a única assistência médica de que dispõem os cerca de 30 mil habitantes da comunidade.

A construção do centro, ao longo de dois anos, foi feita com mão-de-obra da própria comunidade, contratada pela associação de moradores e pelo trabalho voluntário de seguidores da Assembleia de Deus. A associação de moradores, que cedeu o imóvel, conseguiu também através de doações o material e recursos necessários para a obra. O centro conta com quatro consultórios e duas salas para curativo e vacinação. Além dos serviços ambulatorial, de plantão médico, pediatria, clínica médica, ginecologia e pré-natal, presta atendimento em saúde mental através de trabalhos psiquiátricos, psicológicos, psicanalíticos, de liberação energética e com grupos operativos desenvolvidos com crianças, mulheres, excepcionais, adolescentes e aposentados.

O Diretor do centro, Epaminondas Prata Correia, que é sa-

nitarista e psicanalista, disse que o trabalho realizado ali enfrenta o preconceito dos órgãos oficiais de saúde, que, segundo afirmou, criticam o fato de um posto de atendimento primário realizar serviços especializados em psicoterapia.

— Quem acha que o problema do favelado é simplesmente esgoto e vacina — explica Epaminondas — não vai entender o nosso trabalho. A atual política nacional de saúde pública é demagógica e tenta colocar como secundárias questões básicas como o direito à discussão da sexualidade, prazer e lazer do indivíduo, além de sua opinião sobre como gostaria de receber determinado tratamento. O que se vê por aí, por exemplo, são postos de saúde municipais que atendem uma mulher grávida só para saber se ela tem pressão alta, se suas pernas estão inchando ou se é diabética. Não se discute a forma como ela preferiria ter o bebê ou se gostaria que o marido participasse do parto. Também não há nenhuma orientação quanto à necessidade de exercícios físicos durante a gravidez.

A idéia da construção do centro de saúde surgiu há cinco anos quando Epaminondas, então professor de medicina preventiva na Faculdade Souza Marques, foi demitido juntamente com o médico Aguinaldo Marques. Os dois procuraram, então, a Presidente da Fundação Souza Marques, Stella de Souza Marques, que concordou em pagar-lhes salário de professor a fim de que pudessem desenvolver um trabalho comunitário de medicina preventiva.

Através de um político conhecido, eles entraram em contato

com a comunidade de Rio das Pedras. Em uma pequena sala da secretaria da associação de moradores eles começaram a prestar atendimento ambulatorial à população local, fazendo diagnósticos e prescrevendo medicação. A mobilização para a construção do posto, em frente ao campo de futebol da associação, na Rua Nova 20, foi o passo seguinte.

Os dois médicos promoveram um curso para pessoas da comunidade interessadas em trabalhar no posto como agentes de saúde. Foram ministradas aulas teóricas e práticas de medicina preventiva e primeiros socorros. De 19 alunas que participaram, 12 concluíram o curso, mas apenas seis foram consideradas aptas para o serviço e contratadas pela Fundação Souza Marques, em quatro anos consecutivos.

Após uma luta de dois anos, iniciada em 1982, os funcionários, com o apoio da associação de moradores, conseguiram a assinatura de um convênio entre o Inamps e a Fundação Souza Marques, em fevereiro de 1984, através do qual são repassados mensalmente cerca de Cz\$ 70 mil, referentes às cerca de 1.900 consultas médicas realizadas pelo centro (o que, segundo Epaminondas, não é suficiente). No ano passado eles conseguiram que outro convênio, desta vez com a Prefeitura, fosse assinado e o centro passou a receber todos os meses material para curativos, limpeza, medicamentos e lanche para os 20 funcionários atualmente contratados. Do município o centro conseguiu também a concessão de móveis e aparelhos medidores de pressão.

Todos os funcionários do Centro de Atenção Primária são moradores do bairro

O Centro de Atenção Primária à Saúde Stella de Souza Marques funciona de segunda a sexta-feira das 7 às 20h e aos sábados das 7 às 17h. Nele trabalham seis médicos (dois pediatras, dois clínicos com formação em doenças infecto-parasitárias, um ginecologista obstetra e um psicanalista), duas psicólogas com especialização psicanalítica e psiquiatria social, uma enfermeira, uma especialista em exercícios de liberação energética em grupo — com salário igual, de Cz\$ 2,8 mil —, além de seis agentes de saúde, duas faxineiras e dois zeladores, todos residentes na comunidade e que recebem Cz\$ 1,7 mil mensais. Cerca de 200 pessoas são atendidas diariamente e as filas de espera são frequentes à porta do centro.

Apesar de único na área, o Centro não dispõe de instalações nem equipamentos suficientes para atender às necessidades da população favelada, cuja falta de saneamento básico, urbanização e higiene propicia a difusão de numerosas doenças infecciosas, parasitárias, dermatológicas e verminoses. Os casos mais graves, que impõem cirurgias e internação, ou até mesmo um parto ou exame de raios-X, têm de ser encaminhados a outros postos de saúde ou hos-

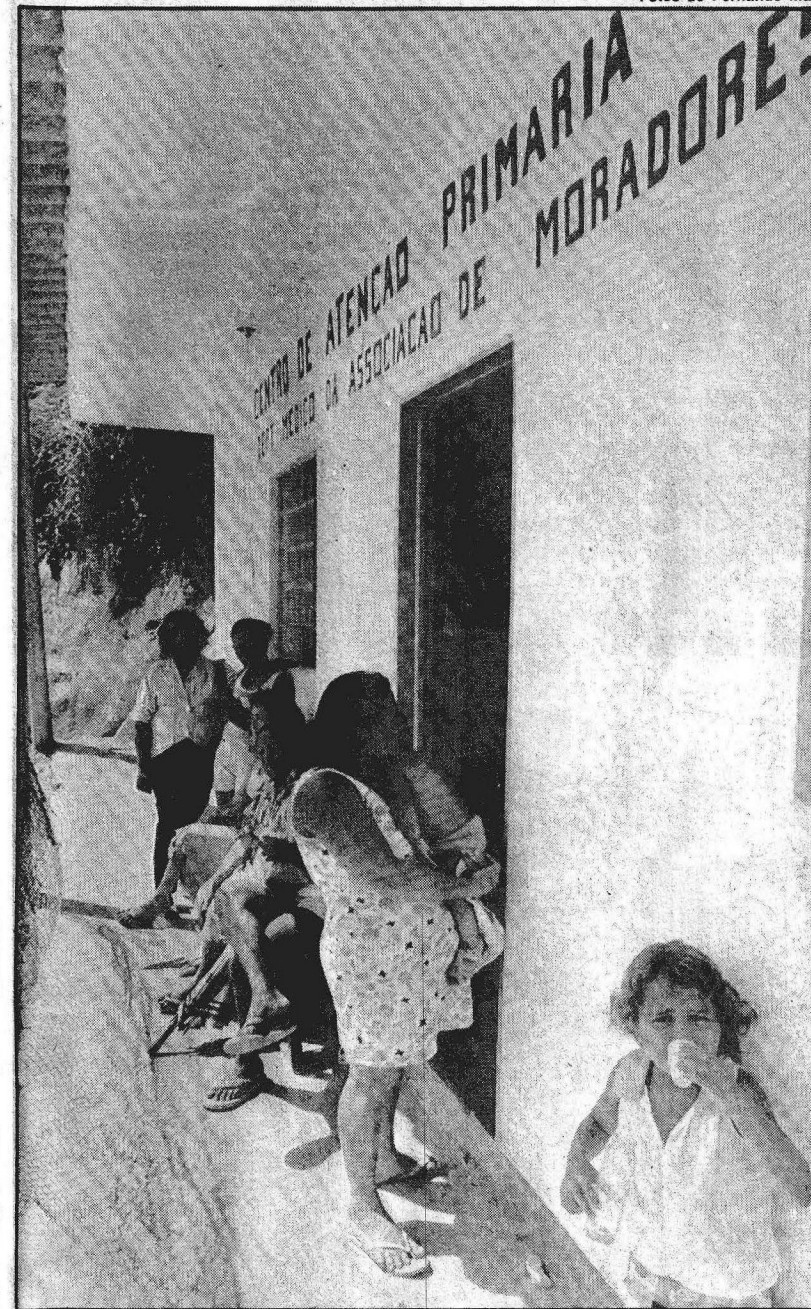
pitais. Os mais próximos e mais utilizados pela comunidade são o Posto de Saúde da Prefeitura, no Tanque, o Hospital Cardoso Fontes do Inamps, na Avenida Menezes Cortes, e o Hospital Miguel Couto, na Gávea.

No Centro, o serviço de plantão médico se restringe à realização de curativos, pequenas suturas, imobilizações provisórias e prescrição de medicamentos que são fornecidos gratuitamente, desde que existam no estoque. Há seis meses os funcionários pediram à Prefeitura a cessão de um telefone, a fim de que o Centro pudesse se comunicar com os hospitais para pedir ambulâncias ou reservar vagas para internações, mas até agora não obteve resposta.

Os serviços oferecidos pelo Centro incluem ainda atendimentos pediátrico, clínico, ginecológico (em que é feito exame preventivo de câncer), orientação pré-natal, programas de medicina preventiva, epidemiologia e tratamentos de saúde mental. A saúde, os problemas e a sexualidade feminina, por exemplo, são debatidas no Grupo Operativo de Mulheres sob a orientação das psicólogas Tânia Jaimovich e Lúcia Medeiros. Epaminondas desenvolve um trabalho de socialização com crianças excepcionais, além de um grupo Operativo de

Brincadeira, com a ajuda da agente de saúde Sueli Fernandes Aguiar.

— O Grupo Operativo de Brincadeira — explicou ele — visa resgatar na criança favelada, que é forçada a ingressar muito cedo no mercado de trabalho, o gosto pelas brincadeiras que, muitas vezes, são consideradas superfúas nas comunidades mais carentes.



Mães e filhos esperam atendimento no Centro de Atenção Primária



O diretor do Centro de Atenção Primária à Saúde Stella de Souza Marques reúne-se com a sua equipe

Epaminondas, Tânia e Lúcia estão formando também grupos terapêuticos com adolescentes e aposentados e já começam a se preocupar com a falta de espaço para a concretização de outros projetos como a instalação de uma oficina de arte. Como há o problema de falta de áreas, os funcionários já fizeram contatos com o Bradesco, que estaria disposto a

doar um dos terrenos que tem na região.

Desde que começou a trabalhar em Rio das Pedras Epaminondas já conviveu com surtos de sarampo e meningite, além de numerosos casos de hepatite, sarna, tuberculose, lepra, doenças parasitárias, venéreas, dermatológicas, micoses, escabioses e piolhos.

Cheias, o problema que mais preocupa

Os cerca de 30 mil habitantes de Rio das Pedras, favela localizada entre a Barra da Tijuca e Jacarepaguá, convivem com toda sorte de problemas. Os transportes são deficientes, não há galerias de águas pluviais e as enchentes são rotinas, interditando o trânsito entre a Barra e Jacarepaguá, pela Avenida Engenheiro Souza Filho e fazendo surgir todo tipo de doenças. A água encanada é conseguida por meio de ligações clandestinas feitas na tubulação da Cedae que leva água para Jacarepaguá. Valões negros correm a céu aberto, há lixo por toda parte e, à noite, é difícil dormir devido à grande quantidade de mosquitos.

Alheias aos perigos de contaminação, nos dias de sol, crianças costumam brincar em grandes poças d'água que se formam em consequência de vazamentos na tubulação da Cedae ou mesmo quando a maré alta provoca o transbordamento da Lagoa da Tijuca.

Mostrando as pernas de seu filho Márcio, de 2 anos, picadas por mosquitos, a dona-de-casa Sueli Barbosa se diz desanimada.

— O menino é alérgico e com essa mosquitada que tem por aí as picadas se transformam em feridas. Já não sei mais o que fazer. Com todas essas valas correndo a céu aberto não há inseticida que dê jeito.

Há dias, antes de levar suas duas filhas para consulta no Centro de Atendimento Primário à Saúde Stella de Souza Marques, Helena de Souza Soares não dispensou uma passada na casa de sua vizinha, a rezadeira Maria Elvira Neves, de 53 anos.

— Ela cura qualquer doença — afirmou Helena.

Com a aproximação do verão e a ameaça dos temporais, os moradores começam a se prevenir contra as inevitáveis enchentes. A artesã popular Antonilha da Penha Ferreira, de 58 anos, já mandou cavar uma vala de 80 centímetros de profundidade em frente à sua casa, na Rua do Comércio, para que a água da chuva fique retida ali e não invada o imóvel destruindo tudo.

O dono de um bar na Rua Nova Altamir Pinto de Aguiar mudou toda a varanda do estabelecimento para tentar evitar inundações. No último verão a água subiu mais de um metro, ele perdeu parte da mercadoria estocada e a família teve de se refugiar em cima da mesa de sinuca instalada na varanda.

A Secretaria estadual de Obras de Meio Ambiente está realizando obras de esgotamento sanitário na área. Para o Presidente da Associação de Moradores de Rio das Pedras, Luiz Carlos da Conceição, no entanto, sem a instalação de galerias de águas pluviais nas principais ruas da favela a primeira chuvarada destruirá todo o trabalho já concluído. Ele também está preocupado com a morosidade das obras de aterro hidráulico na Avenida Engenheiro Souza Filho, iniciadas em janeiro do ano passado. Nos últimos meses, o aterro estreitou o rio por onde se escoou o esgoto, transformando-o num valão. A dragagem do rio, segundo afirmou, precisa ser feita imediatamente para que com uma chuva mais forte as casas próximas não sejam invadidas pelo esgoto.